

## **Analisando os discursos da extrema direita brasileira na plataforma Telegram**

*Analysis of Speeches by Brazilian Extreme Right on the Telegram Platform*

**Anna L. Di Franco**

---



### **Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/eces/8545>

DOI: 10.4000/120rm

ISSN: 1647-0737

### **Editora**

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### **Refêrencia eletrónica**

Anna L. Di Franco, «Analisando os discursos da extrema direita brasileira na plataforma Telegram», *e-cadernos CES* [Online], 40 | 2023, posto online no dia 15 julho 2024, consultado o 20 julho 2024. URL: <http://journals.openedition.org/eces/8545> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/120rm>

---



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

**ANNA L. DI FRANCO**

### **ANALISANDO OS DISCURSOS DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA NA PLATAFORMA TELEGRAM**

**Resumo:** Por meio de uma abordagem construtivista crítica e antropológica, este artigo vem propor uma nova reflexão sobre as dinâmicas de poder experimentadas nos ambientes das redes sociais e do judiciário brasileiro, durante as eleições brasileiras de 2022. Para tal, este artigo utiliza dois estudos de casos com o intuito de clarificar os vínculos formados entre as dinâmicas de poder nestes ambientes e as suas implicações práticas de conhecimento e de oposições de ideias, normas, atos judiciais e valores. Nesse sentido, o primeiro caso visa analisar os discursos proferidos pela extrema direita dentro da plataforma social do Telegram e o segundo caso versa sobre o conflito judicial entre esta plataforma e o Tribunal Superior Eleitoral. A metodologia utilizada é mista, na qual utiliza-se análise computacional de dados com análise crítica do discurso.

**Palavras-chaves:** análise do discurso, decisões judiciais, dissidência criativa, intimidade cultural, redes sociais.

### **ANALYSIS OF SPEECHES BY BRAZILIAN EXTREME RIGHT ON THE TELEGRAM PLATFORM**

**Abstract:** This article proposes a critical, constructivist and anthropological analysis of power dynamics in social media and the Brazilian judiciary during the 2022 Brazilian elections. Through two case studies, it aims to explore the links between power dynamics in these environments and their practical implications for knowledge, ideas, norms, judicial acts, and values. With this in mind, the first case study analyzes speeches given by the extreme right on the Telegram social platform, while the second case study examines the judicial conflict between the same platform and the Superior Electoral Court. The methodology used in this analysis is mixed, combining computational data analysis with critical discourse analysis.

**Keywords:** creative dissent, cultural intimacy, discourse analysis, judicial decisions, social networks.

### **INTRODUÇÃO**

A partir da década de 2010 um novo conjunto de atores emergiu para impulsionar os movimentos de extrema direita ao redor do mundo, fazendo-se presente em diversas organizações sociais e partidos políticos, tais como o Chega, em Portugal, ou o Vox, na

Espanha. Estes atores têm vindo a influenciar os mais altos níveis dos poderes estatais: nos Estados Unidos da América com Donald Trump, na Itália com Giorgia Meloni, nas Filipinas com Rodrigo Duterte, em Israel com o primeiro ministro Benjamin Netanyahu aliado a parceiros ultraortodoxos e extremistas, e no Brasil com Jair Bolsonaro.

Nesse sentido, frente a esse fenômeno global, pesquisadores se dividem em suas buscas por explicações havendo quem defenda, por um lado, a visão de insegurança econômica, ou seja, que esses movimentos sobrevivem como uma resposta frente à crise do capitalismo global (Kriesi e Pappas, 2015; Shivji, 2020) e, por outro lado, a visão dos choques de valores culturais, ou seja, que esses movimentos são uma reação cultural frente à rejeição dos valores cosmopolitas e multiculturalistas (Inglehart e Norris, 2016).

De fato, vários autores que defendem a tese de insegurança econômica argumentam que foram formadas as condições contextuais para o aproveitamento político atual da ascensão da extrema direita ao poder durante todo esse período, que vai desde a época do neoliberalismo reinante da revolução Reagan-Thatcher do início da década de 1980 até o seu acirramento proveniente do impacto da globalização neoliberal (Putzel, 2020; Robinson, 2019) somada às mudanças estruturais econômicas trazidas pelas novas tecnologias (Ballard-Rosa *et al.*, 2021). Já outros autores, que possuem um olhar mais sociocultural, discordam de que as condições contextuais se limitem à meras questões econômicas e enfatizam a complexidade que há por trás destes movimentos extremistas. Assim, defendem que estes movimentos se alimentam das ansiedades e medos de futuras perdas de estatuto social de uma parcela da sociedade que se sente ameaçada quando confrontada com o aparecimento da diversidade étnico-racial, expondo assim a vulnerabilidade material que essa parcela da população local sempre viveu (Bobo, 2017). Ou seja, esta abordagem sugere que estas respostas sociais estão muito mais conectadas a sentimentos de identidade nacional, ao nacionalismo e às preocupações culturais do que apenas às necessidades econômicas (Hainmueller e Hopkins, 2014; Lubbers e Scheepers, 2010; McLaren, 2002).

Em ambos os casos, os pesquisadores se fundamentam em análises de reações ou respostas frente às crises ou aos choques experimentados nos contextos vividos pelas sociedades para sustentar a construção dessas narrativas extremistas, adotando o contexto ou o meio como foco principal da análise e os atos dos indivíduos coadjuvantes; este artigo, no entanto, utiliza uma perspectiva diferente. Através de uma análise reversa, este artigo estuda a construção narrativa extremista, começando pelos atos de formação natural da dissidência criativa dos indivíduos, tanto nos discursos quanto nas ações, que quando conectados de forma coletiva compõem os movimentos sociais de uma parcela da sociedade. Assim, por esse espectro de análise, o foco do estudo está nas ações e o meio ou o contexto figuram como coadjuvantes na formação

dessas narrativas. A análise invertida desse artigo visa defender o argumento principal de que como os atos de dissidência criativa são naturais dos indivíduos, os mecanismos democráticos de controle não corroboram nem para garantir a dissolução desses grupos, nem para o enfraquecimento da utilização desses discursos, acabando mais por reforçar a união desses grupos e fortalecer o discurso político desses movimentos extremistas.

Nesse sentido, o palco escolhido para a análise é o Brasil, devido a uma somatória de particularidades tanto relacionada com a ocorrência da batalha entre o sistema judicial e o uso extremo das redes sociais como meio de propagação de violências de todos tipos, incluindo o discurso de ódio por meio de *fake news*, quanto por questões de importâncias geopolíticas temporais resultantes da acirrada disputa entre os dois candidatos à presidência à época, quais sejam, Jair Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva. O argumento principal deste artigo baseia-se na análise de dois estudos de caso. No primeiro caso, os discursos extremistas são analisados dentro da plataforma social do Telegram e, no segundo caso, é feita uma análise da batalha judicial entre esta mesma plataforma e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), por refletir a atuação do TSE como mecanismo democrático de controle destes discursos extremistas.

A primeira secção do artigo aborda a leitura da construção da realidade social através do estudo dos atos verbais e não verbais e suas respectivas reflexões em ambos os espaços, micro e macrossocial, dada pelas lentes sociológicas das teorias críticas construtivistas. A segunda secção apresenta uma análise mais focal dos espaços coletivos privados lidos através da lente antropológica do conceito de intimidade cultural de Michael Herzfeld, para enquadrar as secções seguintes que versam sobre os dois estudos de caso, os quais refletem as respectivas materializações de ambas as teorias na vida real brasileira. Assim, a terceira secção nos explica a importância da plataforma Telegram neste cenário e qual o método utilizado de recolha dos dados da mesma, para na quarta secção do artigo analisar os discursos no ecossistema digital do aplicativo Telegram, e na quinta secção centra-se na utilização do mecanismo democrático de controle judicial para a eliminação da propagação dos discursos de ódio, que se fez presente no caso judicial versado sobre o Telegram *versus* o TSE durante o período eleitoral brasileiro de 2022.

## 1. A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Para os construtivistas, o mundo é uma construção social (Adler, 1997; Berger e Luckmann, 2004 [1966]; Guzzini, 2000: 174 ss.). Construimos o mundo através das nossas ações verbais e não verbais, discursos e práticas, que refletem poderes, interesses e percepções que temos e que queremos ter (Zehfuss, 2015: 56). Ocorre

que, como somos seres sociais, nossas construções são feitas pelas interações entre nós e as instituições, entre os agentes e as estruturas, que geram impactos afetando não só a nós mesmos como também as estruturas (Fierke, 2007: 168 ss.). Assim, é por meio das nossas relações intersubjetivas e das regras que são formadas como resultado dessas interações que nossas identidades, interesses, percepções, tomadas de decisão e relações de poder se formam e são moldadas (Onuf, 2013; Theys, 2017). Dessa forma, nossos interesses se tornam um produto social dinâmico que se altera conforme muda nosso grau de percepção sobre as coisas, ou seja, agimos de acordo com aquilo que percebemos ser de nosso interesse em um determinado momento (Guzzini, 2000). Sendo que essa percepção não tem a ver com a condição material do interesse diretamente, mas sim com a valorização que damos socialmente àquilo que temos como interesse. Portanto, é através da nossa linguagem e de nossas atuações que adquirimos a noção de mundo e passamos a dar sentido às coisas ao nosso redor.

Nesse sentido, podemos extrair desse entendimento duas observações. A primeira é que os atos de fala são carregados de normas e valores (Kratchowill, 2015: 31), pois “devemos ser familiarizados com os entendimentos intersubjetivos que nos dizem algo sobre o significado de um ato” (Kratchowill, 2015: 20). E a segunda observação é que a realidade social é artificial e depende do nosso consentimento humano coletivo para existir (Jørgensen, 2010: 160), já que é através do nosso reconhecimento mútuo sobre um fato que a realidade social é construída e mantida. No entanto, esse reconhecimento mútuo sobre um fato tem dois caminhos distintos a seguir que poderão passar por dois processos diferentes de valorização das nossas interações.

O primeiro caminho é traçado quando há o reconhecimento e valorização mútua dos fatos e das pessoas que estejam interagindo, ou seja, há o reconhecimento de que o “outro” também tem seus interesses, suas percepções e identidades próprias e válidas, o que nos leva a aceitar a sua agência e a reconhecer a sua importância para as nossas vidas (Adler, 1997: 332). O resultado desse caminho sairá de uma ponderação mútua do que iremos fazer acerca dos nossos interesses e estratégias de atuação. Já o segundo caminho é construído sem que haja o reconhecimento e a valorização do “outro” entre as relações de interações intersubjetivas. Uma das partes atua de forma a impor a sua visão de mundo sobre a outra, desvalorizando a outra agência frente à sua, não apresentando nenhum interesse em reconhecê-la (Fierke e Jørgensen, 2015; Zehfuss, 2005). Essa última forma de atuação e de imposição de valores impacta mais profundamente os “outros”, que podem pautar suas tomadas de decisão de forma a aceitarem ou resistirem a essas imposições.

Assim, nós, como agentes no mundo, somos capazes de olhar para a nossa realidade e tomarmos decisões intencionadas a partir de nossas percepções da mesma,

e promovermos escolhas que, a depender do caminho a ser traçado, poderá nos levar a protagonizar processos de mudanças e de transformações sociais. Portanto, é através de nossos atos de fala e de nossas ações práticas que intencionalmente construímos práxis sociais transformativas que impactarão a estrutura e, logo, possuirão potencial para modificá-la. Assim, a nossa realidade é considerada dinâmica e mutável, composta por uma constituição mútua entre agentes relacionais, reflexivos, sensíveis e flexíveis, que são capazes de reajustarem seus interesses e identidades, reconhecendo-os e ponderando-os frente aos outros e frente as estruturas.

Com esse entendimento, a análise crítica do discurso é o método utilizado pelos construtivistas para tornar visíveis as redes formadas pelos elementos invisíveis de nossas relações intersubjetivas de poderes, interesses e percepções e, assim, possibilitar as suas desconstruções. Vindo a partir daí a importância da análise das construções dos discursos da extrema-direita neste artigo, tornando visível essas dinâmicas de poderes e as suas formas de dominação, permitindo a sua desconstrução. Nesse mesmo sentido, encontramos a análise antropológica de “intimidade cultural” que nos possibilita uma leitura mais local dos espaços coletivos privados abertos e alimentados pela extrema direita brasileira, pois tal como reflexiona Kratochwill (2016: 119),

a tentativa contemporânea de avaliar o impacto (causal) das normas na ação, baseando-se em normas universais por causa de sua suposta “validade” autoexplicativa, em vez de fazer uma pesquisa real de como elas funcionam no nível local, é grosseiramente enganosa.

## **2. INTIMIDADE CULTURAL – UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA**

É a partir desse ponto de reflexão construtivista, entre atos de fala carregados de valores e normas e a realidade social construída e mantida por reconhecimento e valorização mútua, que o conceito antropológico de intimidade cultural se encontra, pois ao analisar o conceito de intimidade cultural de Herzfeld (2008) é possível extrair que estuda a zona de ambiguidade de crenças e valores entre as nossas relações intersubjetivas nos espaços microssociais e, entre nós, agentes, e as estruturas nos espaços macrossociais, sendo ambos ambientes formadores da cultura de uma sociedade. O espaço coletivo de uma sociedade é constituído por crenças e valores que os indivíduos consideram como “seus”. Essas ideias são seguidas e apresentadas aos outros indivíduos através de suas interações cotidianas pela linguagem e por atuações que quando absorvem sentido produzem contextos que evidenciam a *performance* (Goffman, 1959). A intimidade cultural é uma espiada nesse espaço coletivo (Herzfeld, 2008: 10).

Nesse sentido, uma das principais razões em estudar essas zonas ambíguas de crenças e valores entre essas interações se dá porque é dentro dessas zonas que existe a possibilidade de ocorrerem mudanças e transformações sociais provenientes das tensões geradas por essas ambiguidades, as quais facilitam a abertura para a nossa capacidade de dissidência criativa (Herzfeld, 2008: 16 ss.). Assim, buscando analisar as capacidades transformadoras das nossas interações, essa lente antropológica sobre a intimidade cultural se torna bastante interessante para este estudo, principalmente, se a utilizarmos como ponte entre a teoria crítica construtivista e a atuação prática da extrema direita brasileira.

Dessa forma, como apontado anteriormente, dentro desses espaços de ambiguidades existem muitas tensões dadas por associações de códigos denominadas disseminias – perturbações (*ibidem*: 31). A disseminia abarca o silêncio, a língua, os gestos e os sinais, a música, o ambiente construído com valores econômicos, cívicos e sociais e é constituída por tensões binárias que pertencem e refletem códigos (*ibidem*: 32). Estes códigos somados representam a codificação dessa intimidade cultural que, com o passar do tempo, formam a retórica social (*ibidem*: 244). Já todas as ações verbais e não verbais dos indivíduos, que lidam com essas ambiguidades e buscam transformá-las, formam a chamada poética social (*ibidem*: 46).

Cabe aqui ressaltar que o binarismo dessas tensões surge como necessidade de marcar distinções e, na maioria vezes, é incentivado pela própria estrutura política do Estado. “As ideologias dos Estados-nações tendem a dividir o mundo em pares maniqueístas” (*ibidem*: 33), Norte global e Sul global, desenvolvido e em desenvolvimento, ricos e pobres. Assim, “dentro dessa estrutura política que define as formas de identidade cultural, as pessoas são levadas de forma constante e inelutável a escolhas binárias” (*ibidem*: 32). O binarismo se torna o pilar ordenador da desigualdade política (Backès-Clément *et al.*, 2015) e os indivíduos dentro disso “são seduzidos a adotarem a mesma retórica na organização moral de suas vidas cotidianas” (Herzfeld, 2008: 33).

Assim, tanto os indivíduos em seus espaços coletivos privados no plano microsocial, quanto o Estado no plano macrosocial, utilizam as estratégias de narrativas para dar condições identitárias a essas distinções formadas pelo binarismo refletido nos códigos dessa disseminia dentro da intimidade cultural. Percebe-se dessa forma que os polos de disseminia são determinados pelos contextos aos quais estão inseridos. Nesse sentido, o estudo da forma de utilização desses códigos socialmente construídos se torna necessário para aprimorarmos a compreensão das construções e manipulações dos discursos extremistas, além de obtermos uma melhor capacidade de

leitura das reações provocadas diante à possível aniquilação do espaço privado coletivo dessa intimidade cultural da extrema direita.

Ao longo do processo histórico de uma sociedade, esses polos de disseminação se misturam, e muitos indivíduos são levados à sua reprodução de forma não totalmente consciente (Herzfeld, 2008: 37). “Indivíduos hábeis usam a aparente solidez do Estado para conseguirem o que querem, e os inábeis culpam o Estado pelos seus fracassos, reificando o Estado” (*ibidem*: 39). Essas tensões binárias não são fáceis de identificar, porque apelam para uma verdade incontestável ou de uso do senso comum. Estereótipos, por exemplo, são criados e reforçam essa tensão (*ibidem*: 260). Nesse sentido, “os significantes constantes disfarçam os significados inconstantes” (*ibidem*: 39), ou seja, partilham com a linguagem da moralidade a ilusão semiótica da invariância. Quanto mais rígidos forem as formas semióticas, maior será o grau de distanciamento das ambiguidades e, conseqüentemente, maior será a possibilidade de transgredir o próprio código (*ibidem*).

Dessa forma, analisar essas estratégias narrativas e esses discursos torna-se crucial para desconstruir essa ideia binária que não consegue descrever a heterogeneidade que nós e o nosso mundo representamos, nem tampouco acompanhar as mudanças sociais reivindicadas, além de possibilitar a emancipação dos indivíduos. “Toda a atuação social reifica as pessoas em papéis ou em identidades culturalmente codificados” (Herzfeld, 2008: 47), e é essa reificação da cultura coletiva que é o instrumento de consolidação social. É nesse sentido que a poética social questiona onde os indivíduos buscam esses códigos que carregam essas tensões binárias e que os utilizam como ferramenta de negociação de poder (*ibidem*: 47 ss.).

A vida social é construída por processos de reificação e essencialismo e de desafios a esses processos. Estudar todo o universo simbólico que é utilizado para a persuasão, o essencialismo, a iconicidade e a literalidade é estudar a própria retórica social (*ibidem*: 237 ss.). Assim, tratar o essencialismo como estratégia social é o trabalho fundamental da poética social para inverter o objetivo da essencialização de definir categorias sociais baseadas em crenças que defendem a existência de atributos imutáveis, tornando o fortuito permanente e inevitável (*ibidem*: 237). Portanto, são nessas ambiguidades geradas pelas interações entre o micro/macro, agentes/estruturas, entre o que o Estado oficialmente defende e o que os indivíduos realmente absorvem, aceitam ou seguem (ou não) em seus espaços coletivos privados, que a intimidade cultural, a poética social, a disseminação, a codificação e a retórica social aparecem e são formadas.

Dessa forma, a intimidade cultural busca mostrar aquela zona de conluio em que os indivíduos desobedecem às normas com um senso de prazer culpado, porém compartilhado (Herzfeld, 2020: 45). Estando no ponto da zona de conluio em que nós



nos perguntamos, o que as pessoas fazem quando o Estado reprime duramente e destrói aquele espaço coletivo íntimo do qual depende a nossa própria sobrevivência? Ou, por outro lado, como as pessoas reagem quando um Estado começa a fazer declarações que sugerem invocar estereótipos racistas e sexistas repleto de discursos de ódio? Ou, como os discursos nacionalistas influenciam as ações dos indivíduos e os deixam pré-dispostos a serem torturados, violentados, amputados e mortos em defesa de uma ideia abstrata chamada nação? (*ibidem*). “Por que é que os indivíduos reificam constantemente o Estado? Por trás de cada uma dessas invocações escondem-se os desejos e intenções de pessoas reais” (Herzfeld, 2008: 19-20).

A intimidade cultural estuda, então, as duas dimensões sociais, tanto a dimensão cultural coletiva (nível macro) quanto a dimensão do espaço privado, dos indivíduos (nível micro). Na dimensão coletiva encontram-se as culturas nacionais que são negadas, mas que ao mesmo tempo unem uma parcela da população; e na dimensão microsocial encontramos os indivíduos, tornando-se cúmplices na validação e eternização do Estado-nação ao fundamentarem seus fracassos na vida pessoal na culpa do Estado, persistindo em uma construção da vida cotidiana permeadas pelas “semelhanças entre as ideologias estatais e a retórica da vida social cotidiana” (Herzfeld, 2008: 16-17).

Para medir essa zona de ambiguidade dessa intimidade cultural, essa teoria utiliza dois elementos, quais sejam, o embaraço e o reconhecimento próprio ferido, como indicadores principais que refletem o grau de amplitude de representações coletivas e dos “simulacros” de sociabilidade, ou seja, as simulações sociais (*ibidem*: 22). A escolha por esses dois indicadores se dá porque à medida que nossas relações sociais se tornam mais falsas, mais as nossas linguagens e ações são simuladas. E essas simulações acabam por refletir nossa capacidade de criatividade de reformulação das coisas ao nosso redor, as ressignificando conforme nossos interesses e, assim, promovendo mudanças sociais. Tanto os indivíduos quanto o Estado utilizam-se desses simulacros de socialidade. Assim, passamos a vender valores culturais tradicionais como se fossem valores culturais modernos, ou a rebeldia como amor à pátria, ou a criar sistemas de desinformação, ou teorias da conspiração. E os instrumentos que nós utilizamos para alcançar esses simulacros através da nossa linguagem são as figuras de linguagem, as metáforas e as metonímias (principalmente), pois, tal como Lacan já havia nos demonstrado, essas duas figuras de linguagens nos conectam diretamente, já que as utilizamos diariamente para entender nossos sonhos e desejos inconscientes (mais secretos) (Lacan, 1998 [1966]; Ravizzini e Baldin, 2021).

Por isso, o estudo da prática da linguagem é utilizado para a análise do indicador do embaraço e do reconhecimento próprio ferido que descrevem a representação

coletiva da intimidade, pois a linguagem local de costumes, moralidades e solidariedades é apropriada tanto pelos indivíduos quanto pelo Estado e, quando a apropriação ocorre, há a manipulação dessa linguagem para que venha a ser ressignificada e direcionada ao interesse de quem a manipula (Herzfeld, 2008: 22), demonstrando nossa capacidade de reformular uma parte da nossa realidade social. A partir desse ponto, então, encontramos o uso de metáforas, metonímias e mimeses inversas em quase todos os discursos e narrativas da extrema direita.

### 3. METODOLOGIA E IMPORTÂNCIA DA PLATAFORMA TELEGRAM

Nesta secção, os dados utilizados são provenientes dos relatórios elaborados por uma pesquisa científica intitulada “Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022”. No âmbito desta pesquisa científica foi feito um mapeamento dos ecossistemas digitais da plataforma Telegram através de coletas de mensagens, áudios, vídeos e imagens compartilhadas pelos grupos extremistas brasileiros, durante quatro períodos distintos, sendo estes relatórios fruto de uma parceria feita pela Universidade Federal da Bahia e pela Universidade Federal de Santa Catarina com apoio do InternetLab e do CNPq (Pereira, 2023).

Neste artigo abordamos três períodos distintos. Em relação ao primeiro estudo de caso, os dados foram retirados em dois períodos. O primeiro período estudado abrange do dia 30 de setembro a 15 de novembro de 2022, durante os dois turnos de eleições presidenciais brasileiras. O segundo período incide sobre os dias entre 1 e 8 de janeiro de 2023, durante o momento de conluio que resultou na invasão do Palácio do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro em Brasília. Durante o período eleitoral, no primeiro período estudado, foram coletadas um total de 5 446 071 mensagens correspondentes a uma média de aproximadamente 118 mil mensagens diárias em 219 grupos e 522 canais no aplicativo do Telegram (Nascimento *et al.*, 2022b: 3); e durante o período que culminou na invasão ao Palácio do Planalto, do Congresso e do STF brasileiro foram extraídas 592 644 publicações, sendo 310 724 mensagens de texto, 92 231 mensagens com imagens em 228 grupos e 437 canais no aplicativo Telegram (Nascimento *et al.*, 2023: 2). Já o segundo estudo de caso deste artigo abrange o período de janeiro a junho de 2022, momento do conflito judicial analisado, no qual foram coletadas um total de 6.409.788 mensagens de texto e 641 020 imagens compartilhadas em 156 grupos e 479 canais no aplicativo Telegram (Nascimento *et al.*, 2022a: 3).

Como método de recolha de dados destes relatórios, foi feita uma estrutura computacional própria elaborada para coletar os dados do Telegram em tempo real

através de um processo conhecido como ELT (*Extract, Load and Transform*) que se desenvolve em três etapas, a primeira iniciada com a extração dos dados dos grupos e canais do Telegram, a segunda etapa é a devida armazenagem em sua forma original em um banco de dados de código aberto para, no final da terceira etapa, serem preparados e transformados para visualização e análise (Nascimento *et al.*, 2022a, 2022b, 2023). Por fim, para a análise dos discursos são utilizadas as teorias construtivista e antropológica de Herzfeld, que compõem o quadro conceitual anteriormente explicado nesta pesquisa, como guias de compreensão das narrativas textuais e visuais produzidas pelos grupos extremistas à época. Dito isso, passamos a explicar, primeiramente, o período e cenário no qual os casos ocorreram e subsequentemente os dados recolhidos.

Após as eleições brasileiras de 2018, devido ao uso massivo dos aplicativos de mídias sociais como ferramenta de campanha eleitoral e, ao mesmo tempo, também de desinformação, um acordo foi feito entre o TSE e esses aplicativos, nomeadamente Facebook, Instagram e WhatsApp, conforme o Memorando de Entendimento n.º 41 de 2020 (TSE, 2020a) e o Memorando de Entendimento n.º 43 de 2020 (*ibidem*, 2020b) respectivamente, com o intuito de evitar novas dinâmicas de desinformação nas eleições seguintes em 2022 (*ibidem*, 2020c). Cientes disso, agentes políticos, em sua maioria de extrema-direita, no período pré-eleitoral de 2022 começaram a migrar e a utilizar o aplicativo de mensagens chamado Telegram, devido principalmente ao fato de esse aplicativo ter ficado de fora de todos os acordos já feitos entre os demais aplicativos e a justiça brasileira (Júnior *et al.*, 2021; Nascimento *et al.*, 2022a; Poder360, 2021; Spagnoulo, Almeida, e Menezes, 2021; Spagnoulo *et al.*, 2021).

Além disso, cabe aqui ressaltar que algumas características do próprio aplicativo Telegram, quais sejam, possuir um limite de 200 mil pessoas por grupo, seus canais possuírem um número ilimitado de pessoas, e ser uma excelente porta de entrada para postagens de textos, imagens, vídeos e *links* para outras plataformas (Youtube, Facebook e Twitter), também facilitaram esse processo migratório. Com todas essas facilidades, essa plataforma começou a se destacar como sendo um excelente ambiente para a instalação de um ecossistema de comunicação de campanha eleitoral, de desinformação e de propagação de conteúdos extremistas (Nascimento *et al.*, 2022b: 27; Spagnoulo *et al.*, 2021).

Frente ao crescimento do uso do Telegram, que à época do período eleitoral já contava com 53% da população brasileira afirmando ser usuária do aplicativo (Nascimento *et al.*, 2022b: 24, Spagnoulo *et al.*, 2021), o TSE enviou um ofício à empresa do Telegram para que uma reunião sobre mecanismos de freio à desinformação acontecesse (TSE, 2021). A empresa não respondeu (G1, 2022;

Sant'Ana *et al.*, 2022), demonstrando não haver propensão a querer cooperar com a justiça brasileira. E esse não agir ajudou a reforçar o movimento migratório para o Telegram pelos extremistas (Júnior *et al.*, 2021; Spagnoulo *et al.*, 2021).

#### 4. UMA ESPIADA NA INTIMIDADE CULTURAL DA EXTREMA DIREITA

Diversas narrativas extremistas foram criadas nesse período eleitoral. Assim, nesta secção destacamos e analisamos algumas mensagens e imagens mais compartilhadas à época e que mais claramente refletem a codificação da intimidade cultural da extrema direita brasileira. O intuito aqui é de transparecer, por um lado, a naturalidade da nossa dissidência criativa que nos leva a fazer a retórica social e, por outro lado, as construções narrativas dos grupos extremistas feitas através dessas dissidências para reforçar as tensões binárias dentro desta intimidade com o objetivo de acelerar estas transformações sociais.

Através do olhar construtivista, vemos que é por meio da nossa linguagem e de nossas ações dentro das relações intersubjetivas que formamos e encaminhamos os nossos interesses, percepções e identidades para buscarmos construir a nossa realidade social. Assim, dentro destas interações negociamos e moldamos nossos valores que usamos quando reflexionados como regras a nos guiar. Sendo então nossa realidade completamente dinâmica, aberta às mudanças e dependente de nosso consentimento coletivo para existir e se espalhar. Dessa forma, para que possamos analisar estas transformações sociais, a análise de discurso se torna uma ferramenta útil para evidenciar estes valores. No entanto, uma leitura dentro deste universo cultural social é algo bastante amplo, necessitando assim, de um estreitamento deste olhar aos espaços coletivos que apresentam a potencialidade de serem formadores de transformações sociais.

Nesse sentido, este artigo utiliza o olhar teórico antropológico da intimidade cultural para, por um lado, obter essa limitação das zonas de ambiguidade de crenças e valores dentro destes espaços coletivos privados (Telegram) em que ocorrem as transformações sociais e, por outro lado, explorar o direcionamento dos valores, interesses, percepções e poderes dentro das nossas linguagens e ações nestas interações intersubjetivas. Sob esta ótica, em quatro grandes tópicos podemos agrupar os temas mais recorrentes das mensagens compartilhadas pelos grupos de extrema direita durante os dois turnos eleitorais e durante o período relativo ao momento de conluio que resultou na invasão do Palácio do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal Brasileiro. Percebe-se que estes temas ao se relacionarem com os valores defendidos demonstram as tensões binárias que compõem os códigos, chamados de dissemas e que se somam formando a retórica social. A partir daí, quando as

mensagens são compartilhadas e ampliadas pelas ações dos agentes marcam assim a poética social que nos indica as identidades culturais, os interesses e as relações de poder que estão a ser defendidos como sendo parte nossa, passando a serem aceitos e assim, fazerem parte da nossa vida cotidiana. Dessa forma, podemos ver esta construção da retórica social ao longo das narrativas textuais e visuais organizadas nestes tópicos para acirrar a polarização e a fragmentação entre a população e inflar uma parte desta à desobediência civil com o intuito de promover uma transformação social favorável a esta parcela da população extremista.

O primeiro tópico está relacionado com ideias conspiratórias sobre a vacina contra a COVID-19 para adultos e, posteriormente, para crianças, no qual uma das imagens mais compartilhadas (Figura 1) entre os dias 1 e 7 de janeiro de 2023 circulou acompanhada de narrativas textuais de indignação contra a vacinação, contra o jornal *O Globo* e contra o “novo governo de Lula” que supostamente teria acabado de tomar posse e já estaria “caçando” os não vacinados (Nascimento *et al.*, 2023). Neste caso, grande parte da população não vacinada faz parte deste grupo extremista que supostamente poderia ser “caçado”. Assim, utiliza-se um fato que foi a COVID-19 para manipulá-lo por meio de “simulacros sociais” e reformulá-lo através da disseminação criativa criando códigos e aumentando a tensão binária entre vacinados e não vacinados, como ferramenta de negociação de poder.



Opinião / Editorial

## Ministério da Saúde deveria instaurar busca de não vacinados

É preciso criar programas para ir atrás de quem deixou de se vacinar, expondo a população a doenças

Por Editorial

02/01/2023 00h10 · Atualizado há um dia

**FIGURA 1 – Ideias conspiratórias sobre vacina contra a COVID-19**

Fonte: Nascimento *et al.* (2023: 5).

O segundo tópico está correlacionado aos temas políticos sobre fraudes em urnas eletrônicas e a necessidade de ter voto auditável (Figura 2). A ideia aqui é de colonizar o imaginário social ancorando-o em valores morais excludentes e conservadores, utilizando-se “simulacros sociais” (mentiras sociais) para pautar e gerenciar a criatividade da mudança, encaminhando-a a servir as finalidades pretendidas. Ou seja, reformulando e ressignificando a realidade ao redor, conforme o interesse desse grupo a fim de provocar a transformação social (Herzfeld, 2008).



**FIGURA 2 – Suposta fraude eleitoral**

Fonte: Nascimento *et al.* (2022b: 12).

O terceiro tópico está relacionado com o enfraquecimento das instituições democráticas, incluindo as atuações do TSE e do STF. Utilizam-se *fake news* sobre uma suposta fraude eleitoral para aumentar as tensões binárias, solidificar uma identidade unificadora e incitar parte da população a se manifestar a favor de um golpe militar (Figura 3).

## E AGORA STF/TSE?

\_\*TSE informa:\*\_ 7,2 milhões de votos anulados pelas urnas! A diferença de votos que levaria à vitória de Bolsonaro no primeiro turno foi de menos de 2 milhões .

O TSE tem obrigação de esclarecer os motivos que levaram à anulação de mais de 7,2 milhões de votos que representam 6,2% do total. A anulação só pode acontecer em voto de papel, porque permite rasuras ou ambiguidade.

Se você enviar para apenas 20 contatos em um minuto, o Brasil inteiro vai desmascarar este Bandido. NÃO quebre essa corrente. Os incautos precisam ser esclarecidos antes que seja tarde demais...



**FIGURA 3 – Informação falsa para enfraquecer as instituições**

Fonte: Nascimento *et al.* (2022b: 11).

Usa-se também uma informação da Constituição Brasileira sobre a sucessão presidencial em caso de morte, renúncia ou *impeachment* do presidente nos dois primeiros anos, que consiste em fazer-se eleições novas, e altera-se de forma criativa (não há eleições novas e sim o vice-presidente assumiria – Figura 4). Essa informação é incompleta e falsa, a correta é que o vice entraria durante 90 dias para fazer às novas eleições. O intuito é reforçar a tensão binária e direcionar as ações para o interesse desejado.



FIGURA 4 – Desinformação, manipulação e reforço da polarização

Fonte: Nascimento *et al.* (2023: 5).

Em resumo, narrativas baseadas em *fake news* (Nascimento *et al.*, 2022b), repletas de valores binários, são criadas. Pode-se ver como exemplo de um lado o Lula e a corrupção – através da suposta fraude eleitoral que recebe a ajuda das instituições democráticas – sendo relacionados também com ideologias comunistas (Figura 5) e, do outro lado, o Bolsonaro correlacionado com a luta pelos valores de justiça, supostamente verídicos, amor à pátria, ao nacionalismo e ao golpe militar como o único método de proteger esses valores. Paralelamente, a extrema direita apresenta, assim, o remédio para esses males sociais que é a produção de uma figura que representa o líder conhecido como o “mito” por ter a coragem de se posicionar como *outsider* utilizando estes discursos antissistema (Putzel, 2020: 419).

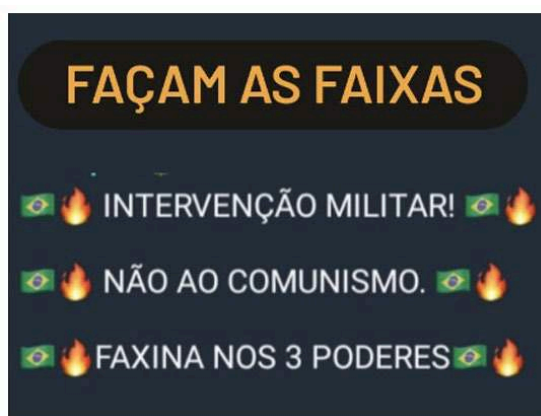


FIGURA 5 – Reforço ao binarismo

Fonte: Nascimento *et al.* (2023: 5).



O quarto tópico está relacionado com o convite à população para promover a desobediência civil que culminou na invasão dos órgãos centrais em Brasília. Assistiu-se à destruição quase total do patrimônio público e ao uso excessivo de violência por parte dos extremistas, que realmente se prepararam para uma “guerra”, tal como vemos no uso de metáforas na linguagem da Figura 6.



**FIGURA 6 – Convocação para a invasão e ataque aos três poderes democráticos**

Fonte: Nascimento *et al.* (2023: 6).

Estas metáforas incluem a referência a que não se tratava de festa, mas sim de guerra. Também se verifica esta dinâmica nas imagens correlacionadas com as cores da bandeira do Brasil, criadas para evocar valores nacionalistas de proteção e amor à nação e militaristas (Figura 7). Além disso, vemos também o recurso a linguagens como método de dissidência criativa, tal como, em vez de desobediência civil, o chamado ser de resistência civil à proteção da pátria brasileira:



FIGURA 7 – Convocação para a desobediência civil

Fonte: Nascimento *et al.* (2022b: 18).

Cabe aqui ressaltar que, embora as pautas morais apareçam sendo compartilhadas e utilizadas nos discursos narrativos da extrema direita em volume de envio menor durante estes períodos (Nascimento *et al.*, 2022a), ainda assim vale a pena destacar uma imagem bastante compartilhada, em que duas fotos de duas mulheres manifestando-se são postas lado a lado e comparadas.<sup>1</sup> Numa foto aparece uma mulher vestida com camisa da cor da bandeira do Brasil, segurando seu filho de olhos fechados com semblante tranquilo em plena manifestação, representando assim, os valores morais – Deus, pátria e família defendidos pelos extremistas. E, na outra foto vemos uma mulher seminua com uma máscara preta e com uma representação simbólica corporal agressiva representando supostamente os valores “de liberdade feminista”, rejeitados por este grupo, mas que aparentemente estariam relacionados com as mulheres do partido opositor. Percebe-se, neste caso, o uso do recurso de linguagem conhecido como mimese inversa, em que um termo é copiado e seu valor ressignificado para a construção de estereótipos e de reforço do binarismo. A ideia por trás é que “Toda a atuação social reifica as pessoas em papéis ou identidades culturalmente codificados” (Herzfeld, 2008: 47), e essa reificação da cultura é um instrumento de consolidação social, ou seja, há nestas narrativas todo um trabalho de coesão deste grupo social.

Assim, tudo o que for contrário aos ideais binários defendidos pela extrema direita é atacado com o intuito de fomentar as tensões binárias nestas zonas de ambiguidade, fomentar a coesão social do grupo extremista e obter o controle e o aceleração da

<sup>1</sup> Para ver a referida montagem, cf. <https://youtu.be/tK-AIjS5uj0?t=2061>, vídeo do YouTube do seminário “Aplicação Telegram, desinformação e grupos da extrema direita brasileira”, realizado a 27 de janeiro 2023 no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

mudança social pretendida. Então, vemos os ataques à esquerda, às mulheres e ao coletivo LGBTQIAPN+, ao feminismo, aos intelectuais, aos centros de produção de pensamento crítico, às universidades e escolas, às imprensas *mainstream* e às instituições democráticas, bem como assistimos à depreciação do gênero e dos migrantes (Pina, 2018). Encontramos um exemplo desta dinâmica na polêmica *fake news* homofóbica lançada por Bolsonaro apelidada de “kit gay” (*ibidem*).

Soma-se a isso tudo também, o uso de outra figura de linguagem, a metonímia, com o termo “Cuscuz Clan” que foi o título do cartaz do desfile de campanha de Bolsonaro à época para chamar as pessoas para o seu desfile na cidade de Natal. Em que a palavra “cuscuz”, um tipo de alimento brasileiro muito conhecido, é usada para compor o termo “Cuscuz Clan” em substituição ao termo “Ku Klux Klan”, num trocadilho com os termos feito de forma intencional para que esse termo fosse o símbolo de identificação e união da identidade cultural do grupo de extrema direita (Céu, 2022; Moratelli, 2022). Ou seja, vemos a linguagem local de costumes sendo apropriada tanto pelos indivíduos quanto pelo Estado (pois Bolsonaro ainda estava em exercício do poder como chefe de Estado) para a manipulação e o interesse de quem a manipula demonstrando a nossa capacidade de reformular o mundo ao nosso redor (Herzfeld, 2008).

O reforço do binarismo também pode ser percebido pelas famosas frases de Bolsonaro guiando esta parcela da população. “Há excesso de direitos no Brasil” (*apud* Barretto Jr., 2022: 24). “Acabaram com nossa alegria de viver, não pode fazer uma brincadeira, uma piada, tudo minoria. Uma desgraça no Brasil” (*ibidem*: 22-23). “Não houve golpe militar em 1964” (*ibidem*: 29). “O português nem pisava na África. Foram os próprios negros que entregavam os escravos” (*ibidem*). “Temos uma certa herança da indolência, que vem da cultura indígena” (*apud* Barretto Jr., 2022: 30). “Não serve para nada (a ONU). É local de reunião de comunistas e gente que não tem compromisso com a América do Sul” (*ibidem*: 31). “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (*ibidem*: 37). “[I]sso é uma negação a quem é cristão, é uma negação a quem acredita no ser humano, ou se nasce homem ou se nasce mulher” (*ibidem*: 42).

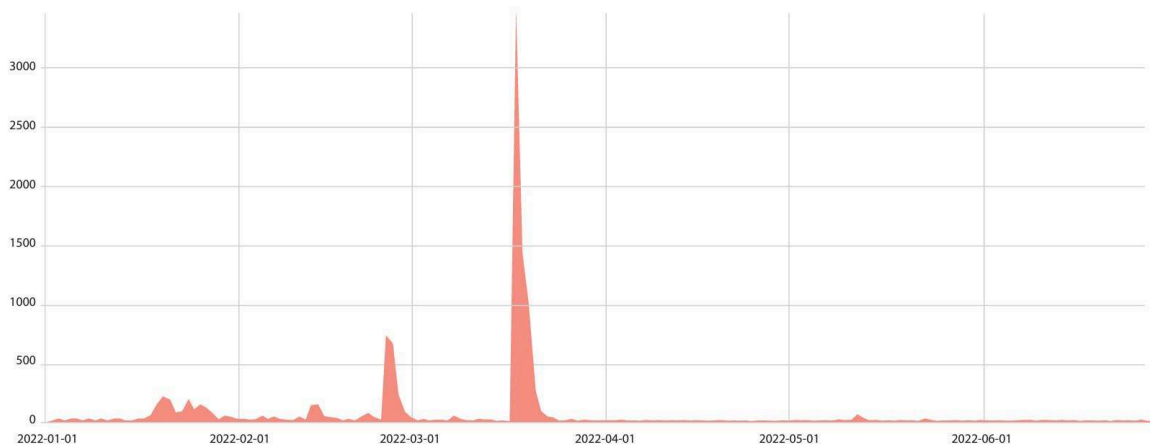
Em resumo, como podemos perceber dentro desta intimidade cultural, para a construção dessas narrativas textuais e visuais, alguns elementos centrais de atuação dos grupos de extrema direita se tornam perceptíveis para a manutenção da retórica social, tais como a manipulação da dissidência criativa e a apropriação da linguagem binária do Estado com a sua dicotomia estereotipada para acirrar a oposição entre “nós” e os “outros”. Os outros que são, em geral, a minoria qualitativa do país, são revestidos como os principais causadores dos males sociais para poderem trabalhar com a criação e o fortalecimento dos estereótipos em relação aos nordestinos, à esquerda, às mulheres e às pautas morais. Essa etapa é marcada pelo fortalecimento do discurso de ódio e da

normalização e banalização da violência como elemento unificador desta parcela da população para, através destes códigos compostos por estas tensões binárias, manipular esta população para absorverem esses interesses e essas identidades, direcionando a promoção da transformação social. Cabe, assim, à poética social ver este essencialismo como estratégia social para conseguir inverter o objetivo principal do essencialismo, que é a categorização social das pessoas defendendo atributos imutáveis (Herzfeld, 2008), tal como na narrativa de que os grupos extremistas são compostos pelos cidadãos “de bem”, defendendo valores de Deus, pátria e família, tornando o fortuito como algo permanente, inevitável e irrefutável.

##### **5. O CONFLITO JUDICIAL TELEGRAM *VERSUS* TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**

Como dito anteriormente, no período pré-eleitoral de 2022, o Telegram ampliou sua importância no cenário brasileiro, passando a ser muito utilizado pelos extremistas. Esse fato desencadeou a busca de representantes da empresa em território brasileiro pelo TSE, com o envio de várias notificações e tentativas de contato, mas todas sem resposta e sem manifestação da empresa. Dessa forma, pelo descumprimento de diversas determinações judiciais, o ministro Alexandre de Moraes proferiu uma decisão de bloqueio do funcionamento do aplicativo em todo território nacional, no dia 18 de março de 2022 (G1, 2022; Sant’Ana *et al.*, 2022). Essa decisão tinha um período de cinco dias úteis para que o bloqueio ao aplicativo fosse executado. Durante esse período de cinco dias, a empresa da plataforma do Telegram apareceu com um representante legal e se manifestou ao TSE. Esse ato de aparecimento fez suspender o efeito da sentença e o bloqueio efetivamente não ocorreu. E, ao fim, após negociações, as partes firmaram um Memorando de Entendimento, em que a empresa se comprometia em colaborar com a justiça eleitoral brasileira (Nascimento *et al.*, 2022a).

Mas o que cabe aqui ressaltar nessa situação é a análise do impacto dos comportamentos dos usuários da extrema direita após essa decisão do bloqueio do Telegram, em que podemos verificar a reação dos usuários pela alta taxa de compartilhamento (Figura 8).



**FIGURA 8 – Gráfico do impacto ao aviso de bloqueio (pico da alta taxa de compartilhamentos)**

Fonte: Nascimento *et al.* (2022a: 8).

Conforme o gráfico da Figura 8, podemos perceber o expressivo aumento de compartilhamento de mensagens relativas à decisão do ministro da justiça brasileira em bloquear o Telegram, que era um espaço vital no momento para a extrema direita. Logo abaixo podemos analisar o conteúdo dessa mensagem mais compartilhada à época que, na realidade, era um manual de burla a esse bloqueio ao Telegram – chamado manual “anti-censura” (Figura 9).

"!!!! COMPARTILHE COM TODOS QUE USAM O TELEGRAM !!!! 🔥 Manual anti censura para o Telegram em Smartphones 📱 NO ANDROID 🚫 Se o app for removido da Play Store 1 Baixe e instale pela loja de apps F-Droid: <https://f-droid.org/en/packages/org.telegram.messenger> 2 Não tem o F-Droid? Baixe ele aqui: [https://f-droid.org/pt\\_BR/](https://f-droid.org/pt_BR/) 3 Baixe através do site oficial do Telegram: <https://telegram.org/dl/android/apk> 4 Use as versões Web (para navegador): - Versão K: <https://github.com/morethanwords/tweb> - Versão Z: <https://github.com/Ajaxy/telegram-tt> 5 Direto do código fonte (usuários avançados): <https://github.com/DrKLO/Telegram> 🚫 Se manipularem o DNS 1 Vá até as configurações do seu aparelho e busque por "DNS Privado". Ou vá até "Mais configurações de conexão" ou "Configurações avançadas de conexão". 2 Clique em "DNS Privado" e escolha a opção "Automático" ou em "Nome do host do provedor de DNS privado" insira um deste hosts: Quad9 (da IBM): dns.quad9.net / dns11.quad9.net (com filtro anti conteúdo adulto) Cloudflare: 1dot1dot1dot1.cloudflare-dns.com OpenDNS (Cisco): doh.opendns.com / doh.familyshield.opendns.com (com filtro anti conteúdo adulto)."

**FIGURA 9 – Mensagem mais compartilhada devido ao aviso de bloqueio**

Fonte: Nascimento *et al.* (2022a: 5).

Assim, como podemos verificar nos dados, frente a um possível bloqueio do espaço coletivo privado dessa intimidade cultural da extrema direita, a reação dos indivíduos que ali necessitam viver foi muito rápida e a dissidência criativa se vê nitidamente presente no conteúdo da mensagem responsável pelo pico de compartilhamento. Ou seja, o que os dados demonstram é que frente à ameaça do fim do espaço coletivo privado dessa intimidade cultural, a reação é muito mais de união e solidariedade entre esses indivíduos, para que se mantivesse esse espaço coletivo privado do que de dispersão dos indivíduos e de extinção desse espaço. O que sugere que os mecanismos de controle democráticos do Estado não estavam sendo aptos nem para o controle, nem tampouco para a eliminação destas narrativas extremistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos países, discursos e práticas caracterizados por díspares interesses, percepções e poderes emergiram no cenário sociopolítico, evidenciando a fragmentação do seu tecido social e a rápida e nítida propagação de seus efeitos na comunidade internacional. Tal fenômeno tem conquistado grande legitimidade e apoio popular, ao saber utilizar o universo simbólico de valores, tais como, pátria, religião, igualdade e família em tempos de crises, corroborando a aparição de um paradoxo conhecido como “intimidade cultural” que ocorre quando há simultaneamente choques de valores entre rejeição e lealdade às normas do Estado.

No cenário brasileiro, a crescente posição da extrema direita brasileira exemplifica muitos problemas que existem nesta intimidade coletiva privada cultural de parte da população brasileira e, de forma mais ampla, em um quadro sociopolítico e de segurança nacional. As análises dos discursos tradicionais dessas zonas de conluio têm deixado espaços vazios de leitura no que diz respeito à compreensão da complexa relação entre questões de percepções criativas, identitárias e de dinâmica de poder no uso das ações verbais.

Ao se privilegiar a compreensão desses espaços íntimos privados coletivos através de uma leitura dessa intimidade fomenta-se a capacidade de uma desconstrução destas dinâmicas, baseada na ponderação de discursos e dessas práticas de poderes. Desta forma, este artigo lança um novo olhar para esses espaços coletivos e desenvolve uma interpretação mais aprofundada e distinta dos acontecimentos em cenários extremistas, tendo como estudo de caso o cenário brasileiro, mas ciente de que essa análise pode vir a servir de exemplo para futuros estudos em outros cenários internacionais.

Revisto por Paula Duarte Lopes e Alina Timóteo

### **ANNA L. DI FRANCO**

Doutoranda na Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra/Centro de Estudos Sociais,  
Universidade de Coimbra  
Av. Dr. Dias da Silva 165, 3004-512 Coimbra, Portugal  
Contacto: [annadifranco@ces.uc.pt](mailto:annadifranco@ces.uc.pt)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5963-9173>

Artigo recebido a 31.10.2023

Aprovado para publicação a 30.04.2024

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Adler, Emanuel (1997), "Seizing the Middle Ground", *European Journal of International Relations*, 3(3), 319–363. <https://doi.org/10.1177/1354066197003003003>
- Backès-Clément, C.; Godellier, M.; Tornay, S.; Copans, J. (2015), *Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas?* Lisboa: Edições 70. Tradução de Joaquim Pinto de Andrade [2.<sup>a</sup> ed.; ed. orig. 1971].
- Ballard-Rosa, Cameron; Malik, Mashail A.; Rickard, Stephanie J.; Scheve, Kenneth (2021), "The Economic Origins of Authoritarian Values: Evidence from Local Trade Shocks in the United Kingdom", *Comparative Political Studies*, 54(13), 2321–2353. <https://doi.org/10.1177/00104140211024296>
- Barretto Jr., Walter (2022), *Bolsonaro e seus seguidores 1.560 frases*. São Paulo: Geração Editorial.
- Berger, Peter L.; Luckmann, Thomas (2004), *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes. Tradução de Floriano de Souza Fernandes [24.<sup>a</sup> ed.; ed. orig. 1966].
- Bobo, Lawrence D. (2017), "Racism in Trump's America: reflections on culture, sociology, and the 2016 US presidential election", *The British Journal of Sociology*, 68(S1), S85–S104. <https://doi.org/10.1111/1468-4446.12324>
- Céu, Beatriz (2022), "'Cuscuz Clan em Natal': cartaz de apoio a Bolsonaro faz trocadilho com Ku Klux Klan em resposta a Lula", *CNN Portugal*, 16 de setembro. Consultado a 29.03.2023, em <https://cnnportugal.iol.pt/brasil/lula-da-silva/cuscuz-clan-em-natal-cartaz-de-apoio-a-bolsonaro-faz-trocadilho-com-ku-klux-klan-em-resposta-a-lula/20220916/6324ea2f0cf2ea367d4e93e0>.
- Fierke, Karin M. (2007), *Critical Approaches to International Security*. Cambridge: Polity Press.
- Fierke, Karin M.; Jørgensen, Knud Erik (2015), "Introduction", in K. M. Fierke; K. E. Jørgensen (orgs.), *Constructing International Relations: The Next Generation*. New York: Routledge, 3–13. <https://doi.org/10.4324/9781315705446>
- G1 (2022), "Leia a íntegra da decisão que determinou o bloqueio do Telegram no Brasil", *G1.Globo*, 18 de março. Consultado a 29.03.2023, em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/18/bloqueio-do-telegram-leia-a-integra-da-decisao-de-moraes.ghtml>.
- Goffman, Erving (1959), *The presentation of self in everyday life*. Garden City, NY: Doubleday.
- Guzzini, Stefano (2000), "A Reconstruction of Constructivism in International Relations", *European Journal of International Relations*, 6(2), 147–182. <https://doi.org/10.1177/1354066100006002001>
- Hainmueller, Jens; Hopkins, Daniel J. (2014), "Public Attitudes Toward Immigration", *Annual Review of Political Science*, 17(1), 225–249. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-102512-194818>
- Herzfeld, Michael (2008), *Intimidade Cultural. Poética Social no Estado-Nação*. Lisboa: Edições 70. Tradução de Marcelo Félix [1.<sup>a</sup> ed.; ed. orig. 1996].

- Herzfeld, Michael (2020), “Lockdown Reflections on Freedom and Cultural Intimacy”, *Anthropology in Action*, 27(3), 44–50. <https://doi.org/10.3167/aia.2020.270310>
- Inglehart, Ronald F.; Norris, Pippa (2016), “Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash”, *HKS Working Paper*, RWP16-026. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2818659>
- Jørgensen, Knud Erik (2010), *International Relations Theory – a New Introduction*. London: Palgrave Macmillan.
- Júnior, Manoel; Melo, Philipe; Silva, Ana Paula Couto da; Benevenuto, Fabrício; Almeida, Jussara (2021), “Towards Understanding the Use of Telegram by Political Groups in Brazil”, in UFMG; UFSJ (orgs.), *Webmedia’21: Proceedings of the Brazilian Symposium on Multimedia and the Web*. New York: ACM Digital Library, 237–244. <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3470482.3479640>
- Kratchowill, Friedrich (2015), “Constructivism as an Approach to Interdisciplinary Study”, in Karin M. Fierke; Knud Erik Jorgensen (orgs.), *Constructing International Relations: The Next Generation*. New York: Routledge, 13–35. <https://doi.org/10.4324/9781315705446>
- Kratochwil, Friedrich (2016), “A funny thing happened on the way to the forum: Ruminations concerning the disappearance of constructivism and its survival in the farcical mode”, *European Review of International Studies*, 3(3), 118–136.
- Kriesi, Hanspeter; Pappas, Takis S. (orgs.) (2015), *European populism in the shadow of the great recession*. Colchester: ECPR Press.
- Lacan, Jacques (1998), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Tradução de Vera Ribeiro [ed. orig. 1966].
- Lubbers, Marcel; Scheepers, Peer (2010), “Divergent trends of euroscepticism in countries and regions of the European Union”, *European Journal of Political Research*, 49(6), 787–817. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2010.01915.x>
- McLaren, Lauren M. (2002), “Public Support for the European Union: Cost/Benefit Analysis or Perceived Cultural Threat?”, *The Journal of Politics*, 64(2), 551–566. <https://doi.org/10.1111/1468-2508.00139>
- Moratelli, Valmir (2022). “Cartaz de apoio a Bolsonaro faz alusão a Ku Klux Klan”. Consultado a 15.03.2023, em <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/cartaz-de-apoio-a-bolsonaro-faz-alusao-a-ku-klux-klan-veja>.
- Nascimento, Leonardo F.; Cesarino, Letícia M.; Fonseca, Paulo de Freitas C. (coords.) (2022a), “Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022”, Vol. 1. Consultado a 25.06.2023, em <https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/08/telegram-01-relatorio-06-1.pdf>.
- Nascimento, Leonardo F.; Cesarino, Letícia M.; Fonseca, Paulo de Freitas C. (coords.) (2022b), “Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022”, Vol. 3. Consultado a 25.06.2023, em <https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2023/02/telegram-03-relatorio-02.pdf>.



- Nascimento, Leonardo F.; Cesarino, Leticia M.; Fonseca, Paulo de Freitas C. (coords.) (2023), "Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022", Vol. 4. Consultado a 25.06.2023, em <https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2023/02/telegram-04-relatorio-02-1.pdf>.
- Onuf, Nicholas (2013), *Making sense, making worlds: Constructivism in social theory and international relations*. New York: Routledge.
- Pereira, Paulo (2023), "Desdobramentos dos ecossistemas de (des)informação política ao longo dos períodos pré e pós eleitoral", *InternetLab*, 7 de fevereiro. Consultado a 20.05.2023, em <https://internetlab.org.br/pt/pesquisa/desdobramentos-dos-ecossistemas-de-desinformacao-politica-ao-longo-dos-periodos-pre-e-pos-eleitoral/>.
- Pina, Rute (2018), "TSE confirma que 'kit gay' nunca existiu e proíbe 'fake news' de Bolsonaro", *Brasil de Fato*, 16 de outubro. Consultado a 23.03.2023, em <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro>.
- Poder360 (2021), "Direita ensaia migração ao Telegram por relação de WhatsApp com Facebook", *Poder360*, 11 de janeiro. Consultado a 20.03.2023, em <https://www.poder360.com.br/brasil/direita-ensaia-migracao-ao-telegram-por-relacao-de-whatsapp-com-facebook/>.
- Putzel, James (2020), "The 'Populist' Right Challenge to Neoliberalism: Social Policy between a Rock and a Hard Place", *Development and Change*, 51(2), 418–441. <https://doi.org/10.1111/dech.12578>
- Ravizzini, Simone; Baldin, Talita (2021), "A interpretação dos sonhos e sua relação com o significante: um achado que implica a dimensão da perda", *Tempo Psicanalítico*, 53, 58–83.
- Robinson, William I. (2019), "Global Capitalist Crisis and Twenty-First Century Fascism: Beyond the Trump Hype", *Science & Society*, 83(2), 155–183.
- Sant'Ana, Jéssica; Falcão, Márcio; Vivas, Fernanda (2022), "Moraes determina bloqueio do aplicativo de mensagens Telegram em todo o Brasil", *G1.Globo*, 18 de março. Consultado a 20.03.2023, em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/18/moraes-determina-bloqueio-do-aplicativo-de-mensagens-telegram-em-todo-o-brasil.ghtml>.
- Shivji, Issa G. (2020), "Samir Amin on democracy and fascism", *Agrarian South: Journal of Political Economy*, 9(1), 12–32.
- Spagnuolo, Sérgio; Almeida, Rodolfo; Menezes, Samira (2021), "Grandes canais da direita brasileira no Telegram cresceram 42% em 2021", *Núcleo*, 14 de dezembro. Consultado a 19.02.2023, em <https://nucleo.jor.br/curtas/2021-12-14-telegram-da-direita-cresce-2021/>.
- Spagnuolo, Sérgio; Hirota, Renata; Mercurio, Felipe; Gelape, Lucas; Almeida, Rodolfo; Orrico, Alexandre (2021), "Telegram, o novo refúgio da extrema direita", *Núcleo*, 18 de fevereiro. Consultado a 25.03.2023, em <https://nucleo.jor.br/especiais/2021-02-18-telegram-extrema-direita/>.

- Theys, Sabrina (2017), “Constructivism”, in S. McGlinchey, R. Walters, e C. Scheinpflug (orgs.), *International Relations Theory*. S.l.: E-International Relations Publishing, 36–41. Consultado a 25.09.2023, em <https://www.e-ir.info/wp-content/uploads/2017/11/International-Relations-Theory-E-IR.pdf>.
- TSE – Tribunal Superior Eleitoral (2020a), “Memorando de entendimento-TSE nº 41/2020”. Consultado a 11.10.2023, em [https://www.tse.jus.br/++theme++justica\\_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/arquivos/tse-memorando-de-entendimento-facebook/@@download/file/memorando\\_facebook.pdf](https://www.tse.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/arquivos/tse-memorando-de-entendimento-facebook/@@download/file/memorando_facebook.pdf).
- TSE – Tribunal Superior Eleitoral (2020b), “Memorando de entendimento-TSE nº 43/2020”. Consultado a 11.10.2023, em [https://www.tse.jus.br/++theme++justica\\_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/arquivos/tse-memorando-entendimento-whatsapp/inc/@@download/file/memorando\\_whatsapp.pdf](https://www.tse.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/arquivos/tse-memorando-entendimento-whatsapp/inc/@@download/file/memorando_whatsapp.pdf).
- TSE – Tribunal Superior Eleitoral (2020c), “TSE assina parceria com Facebook Brasil e WhatsApp Inc. para combate à desinformação nas Eleições 2020”, *TSE*, 30 de setembro. Consultado a 14.03.2023, em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2020/Setembro/tse-assina-parceria-com-facebook-brasil-e-whatsapp-inc-para-combate-a-desinformacao-nas-eleicoes-2020>.
- TSE – Tribunal Superior Eleitoral (2021), “Ofício GAB-SPR nº 5605/2021”. Consultado a 15.04.2023, em <https://static.poder360.com.br/2022/01/TSE-ofi%CC%81cio-Telegram-2.pdf>.
- Zehfuss, Maja (2005), “Constructivism and Identity: A Dangerous Liaison”, in Stefano Guzzini; Anna Leander (orgs.), *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and His Critics*. New York: Routledge, 93–117.
- Zehfuss, Maja (2015), “Constructivisms in International Relations: Wendt, Onuf, and Kratochwil”, in Karin M. Fierke; Knud Erik Jorgensen (orgs.), *Constructing International Relations: The Next Generation*. New York: Routledge, 54–75.